
A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição

Cibele Cristina Boscolo*
Teresa Maria Momensohn dos Santos**

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar os sentimentos, as reações e as expectativas dos pais em relação à deficiência de audição do filho. Com este estudo, verificou-se, por meio da análise do discurso do sujeito coletivo, que as famílias reagem de forma parecida ao receberem o diagnóstico, porém têm expectativas diferentes em relação às possibilidades da criança com deficiência de audição. Isso nos permite concluir que o fonoaudiólogo deve saber escutar os pais a fim de oferecer-lhes respostas para suas dúvidas, dar-lhes suporte e forças para desabafar seus sentimentos e superar suas dificuldades ante a deficiência auditiva de seu filho.

Palavras-chave: *deficiência de audição; família; reabilitação.*

Abstract

The speech pathologist in its clinical activity verifies that together with his deaf client comes his family. The aim of this study was to investigate the feelings, reactions and the parents' expectations in relation to the son's auditory deficiency. With this study it was verified, by means of the analysis of the collective subject's speech, that the families react in a similar way when they receive the diagnosis, even so with different expectations in relation to the child's possibilities with hearing impairment. We concluded that speech therapists must learn how to listen deaf children parents in order to help them to get answers for their doubts and to get support and strength to show their feelings and overcome theirs difficulties with their deaf children.

Key-words: *hearing loss; family; rehabilitation.*

* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP, especialista em Audiologia pelo CFFa., doutoranda em Educação Especial pela UFSCAR, docente do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Araraquara (Uniara). ** Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana – Unifesp – EPM. Docente do Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da PUC-SP, diretora do IEAA.

Resumen

El objetivo de este estudio fue investigar los sentimientos, reacciones e expectativas de padres en relación a la deficiencia de audición de su hijo. Con este estudio se averiguó, por medio del análisis del discurso del sujeto colectivo, que las familias reaccionan de forma semejante al recibir el diagnóstico, pero tienen expectativas distintas en relación a las posibilidades del niño con deficiencia de audición. Eso nos permite concluir que el fonoaudiólogo debe saber escuchar los padres, a fin de ofrecerles respuestas para sus dudas, darles soporte y fuerzas para desahogar sus sentimientos y superar sus dificultades ante la deficiencia auditiva de su hijo.

Palabras clave: deficiencia de audición; familia; rehabilitación.

É de nosso conhecimento que os pais, mesmo antes do nascimento do filho, possuem expectativas em relação ao novo membro da família. A presença de um filho com deficiência da audição no ambiente familiar exigirá de cada membro redefinições de papéis e mudanças. Os pais então se encontram em uma situação diferente daquela que haviam imaginado e necessitam tornar-se pais especiais. Além das pressões internas de familiares, ocorre a necessidade de lidar com pressões sociais externas. A sociedade em que vivemos demonstra dificuldade para conviver com diferenças. Essa dificuldade de convívio ocorre também em relação à pessoa com deficiência da audição, o que acaba por se estender sobre toda a família e sobre a relação desta com o membro deficiente.

Na atividade clínica, o fonoaudiólogo se depara com o fato que, junto com seu cliente deficiente auditivo, encontra-se sua família, que também requer uma atenção especial, pois sabemos que a família apresenta papel de suma importância no processo de reabilitação do deficiente auditivo.

O período do diagnóstico é cercado por muitos sentimentos. No momento em que os pais tomam consciência de que seu filho tem uma deficiência de audição, observa-se a tendência de os pais tratarem a criança de maneira diferente. É nesse exato momento que nós, fonoaudiólogos, devemos atuar. Precisamos, inicialmente, ouvir esses pais e assim conhecer um pouco mais sobre essa família, sobre seus sentimentos, suas necessidades, e o que desejam de informação. Os pais precisam ser ouvidos e compreendidos, a fim de que obtenham respostas para suas dúvidas, para que encontrem suporte e forças para falar sobre seus sentimentos e superar suas dificuldades iniciais ante a deficiência de audição de seu filho. Sem conhecer a dinâmica familiar, os valores culturais e sociais, é pra-

ticamente impossível estabelecermos uma aliança construtiva com essa família.

Minuchin (1988) descreveu que a família é considerada um sistema em constante transformação ou um sistema que se adapta às diferentes exigências das diversas fases do seu desenvolvimento. A família é vista como um todo coeso, inseparável e interdependente, no qual todas as suas partes estão relacionadas. Portanto, cada comportamento, ou mudança de comportamento, em um dos membros afeta todos os outros.

Nunes (1991) relatou que a comprovação de uma deficiência de um filho provoca uma situação de crise na família.

Investigar o conhecimento dos pais sobre alguns aspectos da deficiência auditiva dos filhos é fundamental para o trabalho fonoaudiológico, pois a representação que os pais fazem de sua criança surda poderá, de alguma maneira, influenciar no desenvolvimento da linguagem e, assim, no processo terapêutico. Além disso, conhecer as expectativas que os pais possuem em relação às possibilidades da criança torna-se essencial para a elaboração e o planejamento de orientações, assim como é importante para incentivar a formação de grupos de pais como forma de apoio.

A literatura especializada continuamente demonstra o impacto do diagnóstico da surdez sobre os pais, discutindo as fases pelas quais eles passam a partir do diagnóstico. O que se observa normalmente é que as famílias reagem de forma parecida ao receberem o diagnóstico, porém com expectativas diferentes em relação às possibilidades da criança com deficiência de audição.

Vários autores, como Luterman (1987), Lafon (1989), Leibovici (1996), Bevilacqua e Formigoni (1997), descrevem os acontecimentos que surgem nas relações pais-filhos, na presença de uma defi-

ciência auditiva. O momento da confirmação do diagnóstico pode ser definido como sendo um golpe pessoal, no qual os pais sentem a necessidade de encontrar uma causa para a deficiência auditiva do filho.

Os mesmos autores acrescentam que os sentimentos mais comuns que ocorrem nos pais de crianças deficientes auditivas são: negação, vulnerabilidade, ódio, confusão e inadequação. Tais sentimentos passam por quatro estágios: negação, resistência, afirmação e aceitação.

Em seu trabalho, Harrison (1994) analisou o processo pelo qual os pais passam a partir do diagnóstico da surdez. Verificou que os depoimentos colhidos apontaram para a fragilidade em que se encontram os pais no início de sua jornada, quase sempre com sentimentos muito intensos e dolorosos. No referido estudo, os pais não possuíam conhecimentos em relação à surdez, não sabiam o que esperar do aparelho de amplificação sonora, do tratamento fonoaudiológico ou da escola, e, geralmente, almejavam um desenvolvimento rápido, que pudesse trazer o seu filho de volta à normalidade. Seguindo, a autora relatou que a formação de grupo de pais contribui, embora não decisivamente, para a dinâmica do trabalho terapêutico, pois, no grupo de pais, existirá uma troca de experiências que poderá de alguma forma oferecer contribuição, apoio, solidariedade, numa relação entre pessoas que enfrentam ou enfrentaram situações semelhantes. Ressalta ainda que as informações a respeito do desenvolvimento de fala e linguagem, a necessidade do uso do AASI, entre outras, são apresentadas para os pais muitas vezes de forma incorreta e preconceituosa, principalmente em relação às propostas educacionais e ao uso dos sinais para se comunicar. Enfatiza que se oferecermos espaço para os pais, no momento do diagnóstico, por meio de serviços a eles destinados, permitindo que abram seus corações e deixem aflorar seus sentimentos e angústias, pode-se ter mais pais que possam reconhecer, no filho surdo, um indivíduo capaz.

Refletindo sobre esse prisma, este trabalho teve como objetivo geral investigar os sentimentos e as expectativas dos pais em relação à deficiência auditiva do filho.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada junto à Clínica Escola do Curso de Fonoaudiologia do Centro Uni-

versitário de Araraquara, por meio de entrevista aplicada com os pais responsáveis pela criança deficiente auditiva. Deve ser ressaltado que esta pesquisa teve aprovação da Comissão de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

Os sujeitos convidados a participar deste estudo foram escolhidos, aleatoriamente, entre os pais de crianças deficientes auditivas diagnosticadas como deficientes auditivas, atendidas na Clínica Escola do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Araraquara (SP). Foram convidados 20 pais, e 19 concordaram em participar do estudo.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevista que continha questões abertas, que foram respondidas oralmente. A entrevista foi efetuada nas dependências da mesma instituição, em uma sala de atendimento fonoaudiológico. Para registro das mesmas, foi utilizado um gravador da marca SONY modelo M-527V.

Deve ser ressaltado que, durante a aplicação, somente a pesquisadora e o entrevistado permaneceram na sala.

No que diz respeito à análise das informações obtidas neste estudo, foi utilizada uma modalidade de análise do discurso, que é o Discurso do Sujeito Coletivo – DSC.

O DSC é

(...) uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de naturezas verbais, obtidas de depoimentos, artigos de jornais, matérias de revistas semanais, cartas, papers de revistas especializadas etc.

A utilização desta técnica, para Lefevre (2002), permite dar conta, de maneira simples e operacional, de alguns dos impasses com que se defrontam os pesquisadores sociais na análise de material verbal coletado de diversas fontes. O DSC pretende romper com a forma tradicional utilizada para tabular dados levantados com questões abertas de pesquisa. Isso acontece porque no DSC

(...) os discursos não se reduzem a uma categoria comum unificadora, mas sim a uma reconstrução com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, de tantos discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, quantos se julguem necessário para expressar uma dada “figura”, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno. (Lefevre, Lefevre e Teixeira, 2000)

Para a elaboração desta análise, as *idéias centrais* e as *expressões-chave* foram extraídas de cada entrevista transcrita dos pais. As *expressões-chave* podem ser definidas como pedaços ou trechos, segmentos, contínuos ou descontínuos do discurso e que revelam a essência do discurso ou a teoria subjacente. Já a *idéia central* é um nome ou expressão lingüística que revela e descreve de maneira sintética e precisa o sentido das *expressões-chave*. Após a extração das *idéias centrais* e *expressões-chave*, foi elaborado o Discurso do Sujeito Coletivo, que consistiu na transformação de várias idéias centrais e de expressões-chave em discursos encadeados. Nesse discurso, suprimiram-se repetições de termos e expressões, muitas vezes substituindo-os por sinônimos ou equivalentes. Além disso, foi eliminada dos discursos qualquer informação que pudesse identificar a pessoa entrevistada.

No decorrer da análise dos dados, foi necessário ouvir, ler e reler muitas vezes os depoimentos dos entrevistados. Inicialmente, a fita que serviu de registro das entrevistas foi ouvida para a realização da transcrição. Após isso, fez-se uma leitura dos conteúdos das entrevistas. Em seguida, realizou-se uma segunda leitura para localizar, extrair e agrupar trechos dos depoimentos, que seriam as *expressões-chave* e também as *idéias centrais*. A localização das expressões-chave demandou várias releituras das entrevistas, tendo em vista que as expressões achavam-se inseridas ao longo das respostas e não exatamente na resposta da pergunta específica. Após essas leituras, foi elaborado o Discurso do Sujeito coletivo.

Resultados e discussão

Em relação ao momento do diagnóstico, os pais de crianças deficientes auditivas foram questionados sobre como foi a reação quando receberam o diagnóstico da deficiência auditiva. A partir de suas respostas, identificaram-se, no conjunto de depoimentos, cinco *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, resultaram em cinco discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso dos pais que referiram sentir dor e sofrimento na descoberta da deficiência auditiva;
- discurso dos pais que não aceitaram a deficiência auditiva do filho;
- discurso dos pais que relataram ter conhecimento do problema da criança;

- discurso dos pais que relataram conformismo ante a deficiência auditiva do filho com o decorrer do tempo;
- discurso dos pais que relataram não ter reação alguma diante da deficiência auditiva do filho.

A fase inicial do diagnóstico, para alguns pais, foi cercada pelo sentimento de tristeza. Assim como Minuchin (1988) e Nunes (1991) relataram, observa-se que pelo fato de um dos membros, no caso um filho, ser portador de deficiência auditiva, instala-se uma crise familiar que acaba por afetar os demais membros, causando sentimentos e reações diversas. Luterman (1987) descreveu que a relação do pai com a deficiência do filho varia de pai para pai. Há pais que atingem a aceitação mais rápido, apresentando condições de praticar ações construtivas com o filho; outros permanecem ainda no estado de negação, negando o uso do aparelho auditivo pelo filho em locais públicos, por exemplo. Há pais que relataram ter tido uma reação normal ao diagnóstico, ou seja, que não apresentaram nenhum sentimento ou reação diante do diagnóstico de seu filho. Certamente, esses pais tentam transmitir que são fortes o bastante, que estão preparados para o que vier, que amam seu filho independentemente de sua incapacidade e que a vida deles não mudará. Possivelmente, esses pais sufocam a dor e o desespero, como relata Jung (1997). A dor é intensa como a de todos, mas eles tentam mantê-la sob controle.

Quando os pais foram questionados sobre como ocorreu a suspeita da deficiência auditiva em seu filho, identificaram-se, no conjunto de depoimentos, duas *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, resultaram em dois discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso dos pais de crianças portadoras de deficiência auditiva congênita;
- discurso dos pais de crianças portadoras de deficiência auditiva adquirida pós-meningite.

Em relação à deficiência auditiva congênita, a suspeita inicial partiu, na maior parte dos casos, das mães e, em segundo momento, do pai. O motivo que chamou a atenção das mães para a suspeita foi o fato de as crianças não ouvirem os chamados e barulhos fortes. Tanto os pais de crianças com deficiência auditiva congênita quanto os pais de crianças pós-meningite referiram tais aspectos. Ferro, Picoli e Rey (2002) também descreveram

que, durante os primeiros anos de vida, a criança está muito ligada aos pais, principalmente às mães. Essa interação faz com que a mãe acompanhe o desenvolvimento de seu filho de forma minuciosa, estando atenta para qualquer alteração no curso de seu desenvolvimento.

Os pais foram questionados sobre como foi a reação ao ver o filho usando aparelho auditivo pela primeira vez. A partir de suas respostas, identificaram-se, no conjunto de depoimentos, cinco *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, deram origem a quatro discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso de frustração por achar que o filho é diferente com o uso do aparelho auditivo;
- discurso de ambivalência quanto ao uso do aparelho auditivo;
- discurso de satisfação dos pais com o uso do aparelho auditivo;
- discurso da expectativa falsa quanto ao uso do aparelho auditivo.

O aparelho auditivo desencadeou várias reações nos pais. Algumas dessas reações são de frustrações, de ambivalência de sentimentos, de expectativas, de satisfação, de negação e de expectativas falsas. O aparelho desencadeou nos pais a reação de *frustração* que pode ser justificada pelo fato de o AASI concretizar a surdez do filho e, com isso, torná-lo diferente das outras crianças. A reação de frustração pode estar relacionada com o fato de os pais não aceitarem a deficiência auditiva do filho.

Observou-se também a ocorrência de *ambivalência de sentimentos opostos*, ou seja, os pais reagiram com alegria e tristeza, ao mesmo tempo, em relação ao AASI do filho. Tristeza, no sentido de desejarem benefícios para seus filhos, com o uso do AASI, os quais muitas vezes não podem ser concretizados pelas reais possibilidades da criança. Alegria, no sentido de acreditarem que o AASI é peça fundamental para o processo de reabilitação e que, com o uso contínuo, poderá oferecer grandes benefícios para a comunicação de seu filho. A *satisfação* pelo AASI ocorreu devido à realização das expectativas dos pais. O AASI também alimentou nos pais uma *expectativa falsa*: a esperança de que o filho voltasse a ser um ouvinte e que pudesse ouvir e falar como se não possuísse mais uma deficiência auditiva. Tal fato ocorreu no sentido de esses pais terem um desejo interno de cura, acedi-

tando que somente o AASI poderia garantir a fala da criança. Esses dados também foram encontrados por Harrison (1994), Bevilacqua e Formigoni (1997), Tavares (2001).

Em relação à expectativa de comunicação dos filhos, identificaram-se, na literatura do conjunto de depoimentos, três *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, resultaram em três discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso dos pais que desejam que o filho fale;
- discurso dos pais que desejavam a fala, porém, com as dificuldades dos filhos, acabam aceitando o uso de sinais;
- discurso dos pais que preferem as duas formas de comunicação.

A questão da comunicação é um fato preocupante para os pais. A imagem inicial, após o diagnóstico confirmado de deficiência auditiva, é de que seus filhos serão mudos. Essas referências que os pais possuem são errôneas e oriundas da forma como a sociedade acolhe o deficiente auditivo. Não só da sociedade, mas também de alguns profissionais da área médica, que acabam, no momento do diagnóstico, enfatizando essa imagem. Os pais, no momento em que descobrem a deficiência auditiva dos filhos, desconhecem outra forma de comunicação que não seja a fala. O fonoaudiólogo é o profissional que pode reverter essa idéia e esclarecer para os pais as possíveis formas de comunicação de um deficiente auditivo. Por ser a fala um meio de grande importância para a vida em comunidade, os pais dos deficientes auditivos agregam valores às expectativas da possibilidade de seus filhos falarem, como um meio de facilitar a inserção e a aceitação social dessas crianças. Entretanto, essas expectativas de que a criança venha a falar podem, por sua vez, impedir que os pais reconheçam os reais limites que a deficiência impõe às crianças. O desejo de que o filho fale foi grande na população estudada, e o uso de sinais, para a maioria, foi visto com discriminação.

Também verificamos que, mesmo apresentando expectativas de que seus filhos venham aprender a falar, alguns pais elaboram internamente as informações recebidas pelos profissionais a ponto de reconhecerem os reais limites que a deficiência auditiva impõe às crianças. Desse modo, tais pais encontram na utilização da língua de sinais mais uma possibilidade de facilitar a inserção social da



criança deficiente. Esses dados também foram descritos por Harrison (1994), Tavares (2001), Ferro, Picoli e Rey (2002).

Os pais de crianças deficientes auditivas foram questionados acerca da procura por outros pais que estivessem na mesma condição e também sobre o motivo da procura ou não procura. A partir de suas respostas, identificaram-se, na literatura do conjunto de depoimentos, três *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, deram origem a três discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso da procura de outros pais para conselho, apoio e incentivo;
- discurso da não procura de pais;
- discurso de procura de pais para apoiá-los e encorajá-los.

A procura por outros pais que estavam na mesma situação ocorreu pela necessidade de compartilhar conhecimentos e sofrimentos. Conhecimento no sentido de oferecer troca de informações e experiências, as quais propiciam aprendizado entre os pais para determinadas situações de vida diária. O contato com pais também foi relatado como uma maneira de amenizar o sofrimento existente após a confirmação do diagnóstico da deficiência auditiva. Lewis, Raca, Bevilacqua (1987), Luterman e Ross (1991), Harrison (1994), Nogueira-Martins e Borges (1996), Bevilacqua e Formigoni (1997), Avelar (1997) também descreveram a importância do contato com outros pais.

Houve alguns pais, a minoria, que relataram não ter procurado nenhum pai por considerarem suficientes as informações passadas pelos profissionais (fonoaudiólogos e professores) que lidam com o filho deficiente auditivo.

Quanto ao aspecto educacional, foi verificada a opinião dos pais quanto à opção escolar que acreditam ser mais adequada para o deficiente auditivo. A partir de suas respostas, identificaram-se, no conjunto de depoimentos, três *idéias centrais* que, com base nas suas respectivas *expressões-chave*, deram origem a três discursos bastante distintos sobre o tema em questão:

- discurso dos pais que acreditam ser a melhor opção a escola normal;
- discurso dos que acreditam ser a classe especial mais adequada;
- discurso dos pais que acreditam que ambas (escola normal e classe especial) seriam adequadas para o filho.

A escola é um local de aprendizado que vai além da alfabetização. Para muitos pais de deficientes auditivos, a escola também é vista como a possibilidade de aprendizado de vida social. Verificamos que as expectativas acerca da educação escolar também estão agregadas de valores que muitas vezes ignoram a real possibilidade de aprendizado e desenvolvimento dessas crianças, o que pode prejudicar o aprimoramento das verdadeiras potencialidades da criança em prol de um desejo dos pais. Também podemos notar que a atitude exigente dos pais para com os educadores, quanto à educação de seus filhos, cria uma barreira entre ambos, o que também passa a limitar o trabalho do desenvolvimento das habilidades da criança. A opção pelo modelo de escola regular (normal) ou especial estaria vinculada aos diferentes tipos de expectativas dos pais; em algumas situações essas expectativas seriam direcionadas pelo reconhecimento das verdadeiras potencialidades da criança, noutras seriam agregadas pelo desejo da realização do sonho de ver o filho desenvolvendo-se normalmente como as demais crianças ouvintes.

Conclusão

A análise do discurso dos pais revelou:

- em relação ao diagnóstico, observou-se tristeza, ambivalência de sentimentos (tristeza e alegria), e pais que referiram não ter tido qualquer reação ou sentimento.
- em relação ao uso do AASI, observamos frustração, ambivalência de sentimentos (alegria e tristeza), satisfação e criação de expectativa falsa.
- Em relação à expectativa de comunicação da criança, verificamos que alguns pais desejam que o filho fale; outros aceitam o uso dos sinais por reconhecer que o filho não consegue desenvolver a fala; e pais que aceitam as duas formas de comunicação (língua de sinais e fala);
- em relação ao contato com outros pais de deficientes auditivos, observamos ser uma necessidade importante para os pais, que propicia aos pais compartilharem entre si sentimentos, dúvidas e anseios;
- em relação ao aspecto educacional, verificamos que a maioria dos pais deseja que o filho estude em escola normal, em classe regular; para alguns pais a classe especial é a mais adequada; outros pais relatam preferir que o filho frequente classe especial e regular.



Dessa forma, pudemos conhecer melhor os pais dos deficientes auditivos no que diz respeito aos sentimentos, reações e expectativas em relação à deficiência auditiva do filho, e isso oferece subsídios para que nós, fonoaudiólogos, possamos elaborar e oferecer orientações mais adequadas para essas famílias.

Recebido em junho/03; **aprovado em** fevereiro/05.

Endereço para correspondência

Cibele Cristina Boscolo
Av. Martinho Gehard Rolfsen, 1075, casa 15,
Jardim Morumbi, Araraquara
CEP 14801-070

E-mail: cboscolo@bol.com.br

Referências

- Avelar MCF. Desabafo de mãe: surdez, um desafio possível. Goiânia: Ed UCG; 1997.
- Bevilacqua MC, Formigoni GMP. Audiologia educacional: uma opção terapêutica para a criança deficiente auditiva. Carapicuíba, SP: Pró-fono; 1997.
- Ferro L, Picoli RP, Rey MREP. A construção da linguagem oral no contexto familiar de crianças não-ouvintes. Fono Atual 2002;19: 35-9.
- Harrison KMP. A surdez na família: uma análise de depoimentos de pais e mães [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1994.
- Jung C. Os sentimentos especiais dos pais de deficientes. In: Buscaglia L. Os deficientes e seus pais. 3.ed. Rio de Janeiro: Record; 1997: 103-114.
- Lafon JC. A deficiência auditiva na criança: deficiência e readaptações. São Paulo: Manole; 1989.
- Leibovici Z. A família e a criança surda. In: Ciccone M. Comunicação total: a pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1996: 89-91.
- Lefevre F, Lefevre AMC. O discurso do sujeito coletivo: teoria e prática, pesquisa qualitativa: novas metas de análise. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2002.
- Lefevre F, Lefevre AMC, Teixeira JJV. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS; 2000.
- Lewis DR, Raca R, Bevilacqua MC. Identificação precoce da deficiência auditiva. Distúrb Comun 1987;2:133-42
- Luterman D. Deafness in the family. Boston: Little, Brown and Company; 1987.
- Luterman D, Ross M. When your child is deaf: a guide for parents. New York University Press; 1991.
- Minuchin S. Famílias, funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.
- Nogueira-Martins MCF, Borges ACLC. Fatores gratificantes e estressantes na atividade assistencial de alunos de audiolgia educacional. Pró-fono 1998;10:59-63.
- Núñez B. El niño sordo y su familia: aportes desde la psicología clínica. Buenos Aires: Troquel; 1991.
- Tavares M. Os efeitos do diagnóstico nos pais da criança surda: uma análise discursiva [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

